

"De aluno a professor: a redescoberta da escola"

Fausto Arnaud Sampaio*

*"Porque depois de tudo hei compreendido
Que o que a árvore ostenta de florido
Vive do que ela oculta sepultado"*

Francisco Bernárdez

Uma descida em passos lentos, trêmulos de dúvidas, sob o sol do meio-dia, forte, sufocante como o curto trajeto, ora interminável. A sensação do tempo parece dilatar-se, ao imaginar outros alunos em igual circunstância, a formular as mesmas perguntas e depois comparar as impressões com aquelas comunicadas por estudantes veteranos. Como será minha professora? Brava? Bonita? Será que grita como a do meu irmão? Quantos alunos seremos na sala-de-aula? O suor vai pingar do meu rosto, de nervosismo, se a professora falar comigo? Ela vai me deixar ir ao banheiro?...

Esse foi meu primeiro dia de aula. Lembro-me de detalhes, como a servente entrando na sala durante o intervalo para servir leite com um gosto muito doce de morango, a cartilha, a fila formada para entrarmos em nossa classe, a diretora que hoje me recorda o melhor estilo Margaret Thatcher. Lembro-me também do alívio de me

encontrar novamente em ambiente familiar, com a mãe disparando perguntas a respeito da aula e de meu comportamento (se eu me comportara bem). Todas estas coisas só adquiriram lugar de destaque em minha memória porque era o primeiro dia, e este sempre se reveste de um símbolo, assim como todas as outras primeiras coisas que fizemos em vida. Afinal, ninguém se recorda do seu 17º dia de aula.

A escola é um nome, substantivo, prédio, instituição; é verbo, é correr, brigar, brincar, jogar, conhecer; um adjetivo em suas qualidades ou falta de; e uma conjunção que nos relaciona quase sempre de forma subordinada. Ela é o banho que a antecede, o cabelo que nunca está bom, as ruas que a ligam à minha casa, o campo de terra, extensão natural do pós-aula, as brigas de fim de tarde, os colegas que não mais revimos, a decepção do primeiro amor, a Tânia que me fez correr por dois anos à sua volta e nada queria comigo.

* Licenciado em Matemática pela UNICAMP em 1991 e professor da rede estadual de ensino em Campinas.

os elogios do professor, as latas e bolas de meia chutadas nos intervalos, as aulas vagas, minhas suspensões; é um processo que me leva, ainda criança, ao alargamento de minhas relações sociais, ao confronto da timidez, ao ambiente preferível à pobreza e brigas do lar, ao livro de Ciências que lia inteiro nos primeiros meses, às primeiras posições políticas, ao encontro com o conhecimento que hoje julgo ingênuo, ao êxtase em descobrir as plantas e que me ocuparia as manhãs vagas com uma lente e a convicção de encontrar coisas inusitadas que nenhum outro achara; a risada que, hoje, ao recordar tudo isto, solto.

Não sei porque elas me remetem a uma certa nostalgia, como que uma perda, ao me descobrir diferente. Talvez o conhecimento tenha um efeito avassalador naquelas posturas infantis, mas, de alguma forma, ela me é saudosa. Saudosa como o amor que nutria por todas as minhas professoras de Ciências, as quais sempre defendia dos maliciosos comentários dos colegas, e que, de minha parte, dirigiam-se apenas às professoras de Inglês; o primeiro Sartre e a primeira crise existencial, o Ameba que não devolveu meu James Joyce, o campeonato de futebol que sempre perdíamos, as esquivas para não participar de amigo secreto por não ter dinheiro, as gincanas, os passeios, os professores que cantavam a Silvia, os rigorosos professores de Matemática, a Matemática que eu jurei nunca cursar...

No sacolejar do ônibus urbano, pelo caminho que me leva à Escola, em meio a pensamentos vários, alguns me invadem constantemente na forma de

perguntas mal distarçadas em tortuosa ansiedade. Ansiedade de logo chegar e enfrentar a curiosa situação de usar a palavra junto a dezenas de jovens, melhor dizendo, crianças, meus - ainda incógnitos - alunos. Ainda sombras. Ainda números, Algarismos em meus diários, que não sei utilizar. Um suor nada refrescante desce de minha insegurança e se instala nas fibras de minha camisa. Rapidamente o ônibus encurta as distâncias e surpreendo-me cantarolando mentalmente João Gilberto. Sempre que desejo desviar minha atenção, canto.

Apenas um terreno ladeado por mato a meia altura me separa de minha mais nova experiência profissional, mas de maneira completamente diversa das anteriores. Alegria de voltar à Escola, agora do lado oposto. Entro por novos portões, percorro outros corredores e adianto-me em estranha sala dos professores. Sou professor, sorrindo com as mãos sobre o apagador que por sua vez oculta o giz. Não conheço ninguém e corro ao banheiro pela última vez. Soa o sinal. Curiosamente tranqüilo, subo as escada que me levam ao pavimento superior, onde se encontram as salas de aula, e sou crivado de olhares, saudado por murmúrios, indagações não dirigidas, mas a barba, combinada a diários de classe e régua de madeira, denuncia-me professor. Após um mês de aula aparece um professor de Desenho Geométrico. Olhos curiosos e uma bela sala me recebem. Contrariando as expectativas, sinto-me calmo e desembaraçado ao falar. Por momentos, o desequilíbrio de forças entre professor e aluno mostra-se claro e egoística-

mente determinado pela primazia no direito à palavra que me cabe. Entretanto, percebo pelos olhares a necessidade de cada um mostrar que não é um número, uma presença, mas uma pessoa que gostaria de se expor, de ser notada. Ainda assim sigo as diretrizes que tinha em mente. Início apresentando-me rapidamente, e depois demoro-me em conversar sobre as origens da Geometria, as necessidades que condicionaram seu aparecimento, seu uso, bem como colho opiniões sobre essas mesmas questões para, em seguida, dar ciência aos alunos sobre os métodos de que iríamos fazer uso no decorrer do curso, métodos de avaliação, materiais a serem utilizados, etc. Para finalizar, dou a oportunidade a cada um de se apresentar e perguntar ou dizer o que lhe aprouver. Assinalo como um importante momento, se não o mais importante no contato inicial, aquele em que detectamos a reação mais imediata, menos elaborada, mais conformada aos aspectos emotivos que a qualquer outro, em que a presença, o falar, o movimentar-se, é o intermediador entre o professor e o aluno/receptor. Uma variada gama de reações, daqueles que sorriem àqueles que se pronunciam agressivamente, seja no tom de voz ou na velocidade com que falam, surge no vasto, belo, emocionante diria, universo de variedade humana que se me apresenta.

Há vida, gentileza, rispidez, sorriso, indiferença, curiosidade, cansaço, brilho, perguntas, conversas, comentários, sussurros, olhares, tudo faz parte de um espaço que jazia empoeirado e engavetado em minha

memória, naquele reencontro de garotos e garotas revigorados nesse antropofágico e infatigável descobrir de vida. Impossível de se esquecer, no dizer de Fernando Pessoa: "Porque de tão interessante que é a todos os momentos, a vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger, a dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no chão; de sair para fora de todas as casas, de todas as lógicas e de todas as sacadas...". Anterior a qualquer questão pedagógica, esse lado vigorosamente juvenil em sua vitalidade me impressionou, mais precisamente como o negativo de um filme guardado e ora revelado. O primeiro contato foi diverso e acima do que esperava. Acabara minha primeira aula.

Agora nas escadas, desço ao pavimento inferior, seguido por alguns alunos, aqueles que se entusiasmaram quando alguém finalmente lhes fala da perspectiva histórica e social da Matemática, em particular da Geometria. Muitos gostam, ao passo que a outros não faz a menor diferença. Penso que, contrariamente àquilo que o idealismo quer nos fazer crer, terei de me contentar com uma parcela de alunos aos quais muito do que disser será importante apenas para passar de uma série à seguinte. Pode parecer julgamento mal avaliado e precoce, mas são minhas impressões. Isto é bastante diverso do nosso curso de Matemática, onde todos os que já chegaram a essa etapa certamente, se não amantes, ao menos nutrem as mais fortes simpatias pelo assunto; jamais julguei necessário despertar alguma motivação em todos indistintamente, mas a distância da

realidade escolar camufla, enquanto graduandos, esse aspecto.

Encaminho-me à sala dos professores para, como todo recém-chegado, manter-me à margem das conversas circunstanciais e ser objeto de perguntas: "como foi o 1º dia?". Não que me queixe. Mas tomo café como um veterano...

A verdade é que fico mais à vontade com os alunos que com meus colegas professores. Um certo distanciamento de idade, interesses e hábitos contribuem para esse fato; não que isso seja penoso, apenas nossas conver-

sas limitam-se a assuntos escolares. Tenho a impressão de me encontrar, às vezes, deslocado em meio à troca de receitas de bolos, comentários irônicos sobre o cotidiano, etc. Certo dia, batera o sinal para a aula após o intervalo; levantei-me, peguei o material e uma professora comentou que eu era o único que ainda estava entusiasmado em dar aula. Mais que um elogio, é a comprovação do desânimo dos demais. Apenas espero que o dia em que eu chegue à sala dos professores comentando novelas esteja distante...